

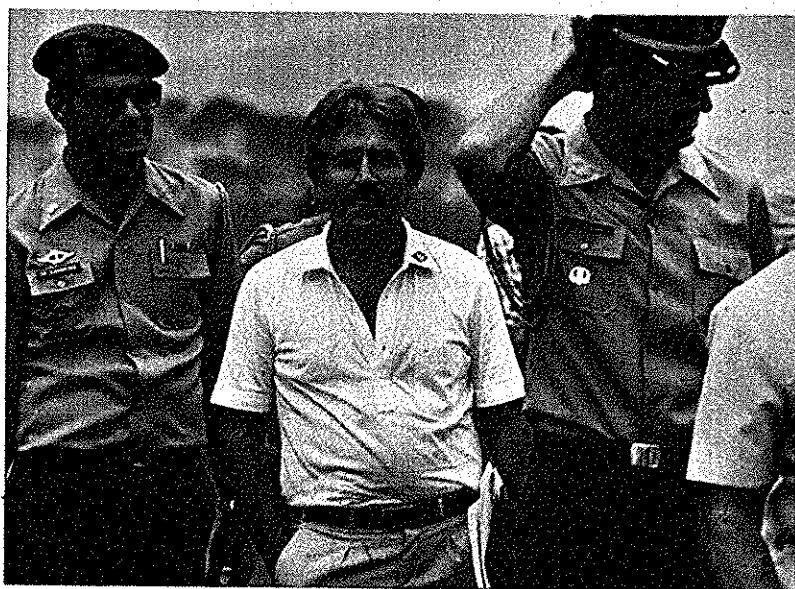
Segredos da mata

*Um agente do SNI circula
pelas selvas da Amazônia com três
identidades diferentes*

Do tenente-coronel Sebastião Rodrigues de Moura, o país pouco ouviu falar — mesmo no circuito dos quartéis, raros brasileiros têm alguma intimidade com esse oficial que aparece em 80.º lugar no *Almanaque do Exército*, entre os oficiais de Infantaria. De um certo “major Marco Antônio Luchini”, o Brasil teve notícias pelo menos uma noite de setembro deste ano, quando o “Jornal Nacional”, da Rede Globo, exibiu para milhões de espectadores um homem de porte atlético, voz pausada, sorriso intermitente e argumentos favoráveis aos índios Gorotire, acusados de ter massacrado 23 colonos no sul do Pará. Já o “doutor Curió” é muito conhecido na Amazônia desde 1972. Primeiro, como um dos artífices da destruição das guerrilhas organizadas pelo Partido Comunista do Brasil no Araguaia. Depois, como juiz oficiosamente designado pelo Conselho de Segurança Nacional (CSN) para resolver conflitos entre índios e colonos. Mais recentemente, enfim, como governador informal do garimpo de Serra Pelada — a maior, às vezes a única autoridade civil, militar e política da área.

Na semana passada, enfim, soube-se que o tenente-coronel Moura, o “major Luchini” e o “doutor Curió” são a mesma pessoa. Na verdade, “Luchini” e “Curió” são dois codinomes de um agente muito especial do Serviço Nacional de Informações (SNI), encarregado de manter a ordem em qualquer lugar da Amazônia às voltas com ameaças à segurança nacional. Há oito anos, Moura tem-se apresentado publicamente sob falsa identidade — tecnicamente, um delito passível de enquadramento no artigo 307 do Código Penal, que prevê pe-

na de detenção de três meses a um ano. Antes que essa santíssima trindade fosse gerada nas matas da Amazônia, o caso mais recente de uma autoridade oculta em nomes de guerra foi o de Romero Lago, diretor do Serviço da Censura durante o governo Costa e Silva. Lago, descobriu-se, chamava-se Ermelindo Ramírez Godoy, era uruguaio



Moura (ao centro): “O revólver que atira mais alto é o meu”

e portava uma gorda ficha criminal.

TRISTÃO E SARNEY — A descoberta do segredo do tenente-coronel Moura sugere que, se um militar do SNI pode usar os nomes que quiser ou as patentes e títulos que julgar convenientes, nada impediria que, por exemplo, o general Octávio Aguiar de Medeiros não fosse general nem se chamasse Octávio. “Essas coisas eu só conhecia em livros policiais, tipo James Bond”, espanta-se o deputado Thales Ramalho. “No campo da segurança”, ressalva o deputado Nelson Marchezan, “o segredo é a alma do negócio.”

Talvez seja, mas para o presidente da seção de Brasília da Ordem dos Advogados do Brasil, Maurício Correa, há ilegalidade no uso das três identida-

des: a lei, insiste ele, proíbe o uso de nomes falsos, mesmo quando o portador é um agente do SNI. Um assessor graduado do presidente João Figueiredo discorda. “Punir Moura seria algo como punir Tristão de Athayde, que se chama Alceu Amoroso Lima, ou o senador José Sarney, batizado de José Ribamar Costa”, compara o assessor, para quem a questão dos nomes não tem a importância alegada pelo advogado Correa.

No Exército desde 1953, Moura foi condecorado com a Medalha do Pacificador por atos de bravura praticados durante a repressão à guerrilha do Araguaia, entre 1972 e 1974. Mineiro de São Sebastião do Paraíso, ganhou o apelido de “doutor Curió” por seu talento em persuadir guerrilheiros à confissão no curso dos interrogatórios: “Ele sempre foi muito bom de bico”, diz um habitante de Marabá, no Pará. “O homem envolve as pessoas com seu canto como um curió.” Amigos de Moura garantem que, na época, ele protestou contra o recurso à tortura.

DISCURSO SOBRE O CAIXOTE — Com o disparo do último tiro no Araguaia, “doutor Curió” passou a desempenhar tarefas mais tranquilas mas não menos importantes para os serviços de segurança — encarre-

gando-se, sempre à paisana, de manter a ordem na área e de saber de tudo o que se passa nela. Há dois meses, acompanhado do governador do Pará, Alacid Nunes, Moura compareceu à cerimônia de entrega de lotes de terras a posseiros que moram às margens da estrada que liga Marabá a São Geraldo do Araguaia — e, assim, viu cumprir-se a promessa que fizera no começo da década passada a seus aliados paisanos no combate à guerrilha. “O ‘doutor Curió’ é um homem de palavra”, assegura o aviador José Altino Machado.

O “major Luchini” nasceu só há três anos, quando Moura teve um encontro com dom Alano Pena, bispo de Marabá. Primeiro, Moura mandou avisar o bispo de que o “doutor Curió” quer falar com ele”. Como dom Alano

respondeu que não concedia audiência a apelidos, Moura apropriou-se do sobrenome da família de sua mulher e concebeu o "major Marco Antônio Luchini".

Sensibilizado, o bispo foi ao encontro. O nome inventado pegou. Há dois meses, por exemplo, constou como destinatário de uma carta em que o senador Jarbas Passarinho apresentava um funcionário do Senado como candidato a uma vaga no garimpo de Serra Pelada, do qual é uma espécie de inventor desde maio último. Moura não leu a carta do senador: um ajudante-de-ordens cuidou disso e negou o pedido de Passarinho. No garimpo, não há outra autoridade além dele. Logo no primeiro dia de sua gestão em Serra Pelada, Moura reuniu os 20 000 garimpeiros, subiu a um caixote e discursou:

quando Moura ameaçou recorrer a sua linha direta com o Palácio do Planalto.

Não convém desafiar o poder do tenente-coronel. O superintendente em Belém da Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos rejeitou seu pedido para que uma agência fosse instalada em Serra Pelada e, poucos dias depois, foi removido para uma obscura seção da empresa em Belo Horizonte. Aos críticos dos métodos que usa, Moura oferece números que provam sua eficiência. Afinal, ele conseguiu que a produção de ouro no garimpo, comprada exclusivamente pelo governo, chegasse a 40 quilos por dia, volume que resulta em uma injeção diária de 30 milhões de cruzeiros numa vila de pouco mais de 20 000 homens.

Desenvolto, esse xerife de Serra Pelada também sabe falar grosso para ouvi-



SALOMON CYTRYNOWICZ

Garimpeiros de Serra Pelada obedecem às ordens do "doutor Curió"

"Por enquanto vocês podem continuar armados mas não esqueçam de que o revólver que atira mais alto aqui é o meu". Em seguida, sacou sua Magnum e deu um tiro para cima. Em menos de um mês, os garimpeiros tinham-se livrado de suas armas.

INJEÇÃO DIÁRIA — Hoje, os garimpeiros estão familiarizados com a dura eficácia dos métodos do comandante. Moura proibiu a entrada de mulheres no garimpo, "porque elas só trazem confusão" — e, de fato, confusão é coisa rara no lugar. Depois de ter usado aviões monomotores, sem licença para voarem como táxis comerciais, no transporte de pessoas e mantimentos, decidiu que só táxis comerciais podem agora operar na área. O Departamento de Aviação Civil de Marabá saiu em defesa dos monomotores mas recuou

dos federais. Há um mês, por exemplo, faltou dinheiro para a compra de ouro e os garimpeiros ensaiaram uma rebelião. Com um aparelho de rádio que o liga a Brasília, Moura falou aos berros com um certo "doutor Ary" que atendeu do outro lado da linha. "Escute aqui: ou vocês mandam dinheiro ou eu deixo os garimpeiros saírem com o ouro", avisou. "Nesse caso, o governo se recolhe a sua insignificância." O dinheiro chegou em poucas horas e, de quebra, Serra Pelada ganhou também um posto telefônico. "Para nós, é Deus no céu e o 'doutor Curió' na terra", resume o barbeiro do garimpo, Carlindo Pereira Amorim. A lealdade de Amorim e outros milhares de garimpeiros transformou um tenente-coronel cujo nome real desconhecem na mais forte liderança fiel ao governo em toda a selva amazônica. ●